

**NOS 40 ANOS DA ESTREIA LITERÁRIA  
DE LUÍSA DUCLA SOARES:  
NOTAS ACERCA DE UMA PAPOILA  
QUE CRESCIA, CRESCIA...**

Sara Reis da Silva

IE-Universidade do Minho

sara\_silva@ie.uminho.pt

(Nota prévia: não é todos os dias que temos o privilégio de folhear e conviver com um livro que tem a nossa idade e que pertencia à biblioteca da nossa escola primária, ou do 1.º ciclo do ensino básico, como se diz hoje. Aconteceu isso com *A História da Papoila*, de Luísa Ducla Soares, e alegremo-nos com este feliz acaso.)

Mais de cem livros editados. Em novembro de 2009, veio a lume o centésimo volume da autoria de Luísa Ducla Soares (LDS) (Lisboa, 1939), uma das escritoras portuguesas mais (re)conhecidas do universo habitualmente designado como Literatura Infantil.

Dos traços singularizadores da escrita que, ao longo das últimas quatro décadas, LDS tem dedicado aos leitores mais pequenos, uma escrita repartida pela poesia, pela narrativa, pelo texto dramático e pelas reescritas e recolhas de textos da tradição oral portuguesa, procuraremos dar conta neste volume dedicado à autora.

Generosa, polifacetada e, em muitos momentos, inovadora, sob vários pontos de vista, as obras de LDS têm sido recebidas muito favoravelmente, tanto pelos leitores mais novos, como pela generalidade dos mediadores (docentes,

bibliotecários, investigadores, críticos literários, entre outros), que a identificam como uma das mais marcantes do panorama literário português para a infância. Tópicos difíceis ou menos versados na escrita para crianças, como a guerra/paz, a diferença, a subversão da “normalidade” e a crítica social, têm voz, uma voz muito apelativa, no elevado conjunto literário assinado pela autora.

A estreia de LDS no domínio da ficção para crianças, ocorrida em 1972 e com *A História da Papoila*, anunciou, à partida, algumas das constantes vivenciais e literárias da autora. Natércia Rocha, por exemplo, em *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, regista que «As características já sensíveis em *O Soldado João* e *A História de Maria Papoila*, entre outros títulos, irão acentuar-se na década seguinte [a de 80] com numerosos títulos.» (Rocha, 2001: 104). Na mesma linha, Violante Florêncio, refletindo acerca da questão do “elogio da diferença” na obra de LDS, e referindo-se, em particular, ao livro inaugural da autora, considera que neste são anunciadas as «linhas programáticas pelas quais se regerão os restantes.» (Florêncio, 2001: 4).

Se a sensibilidade e a atenção às coisas simples que distinguem esta singular narrativa viriam a pontuar outros títulos de LDS, é, com efeito, a uma atitude independente, lúcida e corajosa da autora que esta obra ficaria imediatamente associada. Recorde-se que, por motivos políticos, LDS recusou aceitar o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho com que o SNI decidiu distingui-la<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Em 1986, a sua escrita foi reconhecida com o Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças (texto), por *Seis histórias de encantar*; dez anos depois (1996), receberia, ainda, o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças, pelo conjunto da obra.

A inovadora estratégia de abertura do relato, concretizada a partir da interrogativa elíptica «Uma história?» (Soares, 1972: 4), bem como da sugestão de convívio e de desejo de ouvir “contar uma história” – reiterada pela ilustração monocromática no canto inferior direito da primeira página na qual se recria uma elegante figura feminina e uma criança –, possui um papel muito relevante do ponto de vista da captação da atenção do potencial leitor, parecendo anunciar/preparar, inclusivamente, para um estilo de narrar que se distingue pelo coloquialismo, pela simplicidade e pela proximidade com o destinatário. Note-se, desde já, que este trecho inicial surgirá, depois, “fechado”, nas palavras conclusivas do volume: «Depois, o que aconteceu? / Amanhã te contarei que é uma longa história.» (*idem, ibidem*: 28).

Na abertura propriamente dita da narrativa, realizada por meio da fórmula hipercodificada «Era uma vez...», é introduzida a referência à protagonista, um elemento da natureza, como sucede em outros textos da autora, neste caso uma sementinha, e que surge caracterizada como «redonda, pequenina, fechada sobre si» (*idem, ibidem*: 5). Os segmentos iniciais do conto em análise (tal como, aliás, a totalidade da narrativa) são pontuados de diversos elementos naturalistas, em particular, aves – «melros, verdelhões, pardais (...) passarada» (*idem, ibidem*: 5) –, bichos-de-conta, caracóis, entre outros.

Ao longo do texto, estruturado a partir de um esquema mais ou menos convencional que obedece à partição situação inicial, peripécias, ponto culminante e desenlace, assistimos a um conjunto de encontros e desencontros da pequena heroína com uma diversidade de personagens, todas personificadas/animizadas: com o vento, com quem viaja até à cidade, uma (traíçoira) minhoca, uma toupeira e cinco

toupeirinhos (Bá, Bé, Bi, Bó, Bu), um passarinho, um cavalo, um pinheiro-manso, um «bichano», «um banco verde» (*idem, ibidem*: 16) e um menino (Rui), por exemplo. A protagonista, uma flor do campo, procura contrariar a solidão (sua e dos outros) e “colorir” a vida. Trata-se, na verdade, de uma personagem especial do ponto de vista do sentido simbólico que desta emana, um simbolismo decorrente da sua cor (vermelho), por exemplo, mas também do facto de esta flor ser, na verdade, inteiramente livre. Aliás, a dado momento da narrativa, a papoila «pensava mais no mar imaginado, nas estranhas plantas sem raízes que não respiravam ar quente, mas corriam pelas ondas, ouviam as conversas dos peixes e dos corais, acompanhavam os navios. Plantas frescas do mar. Plantas livres.» (*idem, ibidem*: 26). É essa mesma ideia que marca, ainda, quase no desfecho da narrativa, o seguinte diálogo entre a protagonista e o menino:

«- Vais-te embora, que pena... Fico sem ti. Não queres morar num vaso de porcelana na minha varanda?

- Pois não sabes que as papoilas só podem viver em liberdade? É por isso que estão sempre alegres. Num vaso eu morria.» (*idem, ibidem*: 28).

Globalmente, o discurso literário de *A História da Papoila* distingue-se por uma variedade assinalável de sugestões sensoriais, por exemplo, de género auditivo<sup>2</sup> e visual<sup>3</sup>, pelo uso expressivo e assíduo da adjetivação<sup>4</sup>, pelo recurso à

2 «(...) trinos, assobios, piando (...) cantando (...)» (Soares, 1972: 5);

3 Cf. referências cromáticas, por exemplo, em «Luzes: amarelas, vermelhas, verdes (...)» (*idem, ibidem*: 14).

4 Por exemplo, «redonda, pequenina» (*idem, ibidem*: 5); «forte e bravo» (*idem, ibidem*: 7), «estouvado, aventureiro (...) seco e tão escaldante

comparação – «aldeiazinhas brancas como torrões de açúcar» (*idem, ibidem*: 8); «este Sol preso no céu como um balão amarelo» (*idem, ibidem*: 14) – e pela reiteração de formas verbais actanciais<sup>5</sup>, entre outros.

Muito apelativa é, igualmente, a presença de diversos “instantes”/segmentos poéticos<sup>6</sup>, disseminados ao longo de toda a narrativa. Estes, sempre breves, em geral, quadras rimadas, além de “quebrarem” positivamente o relato, introduzindo um outro ritmo, por exemplo, dotam o texto de uma sonoridade especial. Note-se que são várias as passagens nas quais se observa a onomatopeia, recurso que reproduz foneticamente o facto que exprime, como sucede, por exemplo, logo no início da narrativa, com a imitação do ruído do vento

(«Fujam, fujam,

u u u

fujam, fujam,

u u u

tenho pressa,

vou com pressa,

tenho muito que fazer,

u u u.» (*idem, ibidem*: 6))

ou mais adiante, com a recriação do som da água/chuva - «plin, plin, plin» (*idem, ibidem*: 10).

(...) mornas, quentes (...), frescas, (...) livres» (*idem, ibidem*: 26).

5 Por exemplo, «Avançava aos solavancos, enroscava-se, esticava-se, desengonçava-se toda.» (*idem, ibidem*: 10); «dançavam às rodas, que jogavam às escondidas» (*idem, ibidem*: 11)

6 Por exemplo, «Um tesouro / todo de ouro, / feito de asas / de besouro.» (*idem, ibidem*: 12).

Os referidos mecanismos estilísticos, a par, também, do discurso direto, das repetições, por exemplo, de seqüências dialogadas reforçam a capacidade comunicativa do texto.

Do ponto de vista ideotemático, cruzam-se, em *A História da Papoila*, tópicos como a solidão, a discriminação, a diferença, o conhecimento do eu, o crescimento, a liberdade, a amizade e a busca da felicidade. Releia-se, apenas, a seguinte quadra repetida, com pequenas variações, e pronunciada pela heroína:

«Não tenho ninguém  
que fale comigo.

Lindo passarinho,

Queres ser meu amigo?» (*idem, ibidem*: 14).

Ainda neste domínio, não deixa de ser curiosa a referência ao estado de espírito das pessoas da cidade, uma nota que não se encontra isenta de um subtil sentido crítico e que permite concluir que à narrativa em análise não é alheia a realidade circundante/contexto em que foi escrita: «Havia muito tempo que a sementinha (agora plantazinha) reparava como a gente da cidade, apesar de tantos divertimentos, apesar de viver bem, em casas bonitas que quase tocavam o céu, andava séria, metida consigo, sem saber rir.» (*idem, ibidem*: 22). A este propósito, repare-se nos rostos fechados ou carrancudos das figuras humanas visualmente recriadas e nos tons sombrios que dominam a própria ilustração que acompanha esta citação, uma construção diametralmente oposta à que se lhe sucede, na qual se observa a representação de um menino e de uma flor (papoila vermelha) muito sorridentes. Mesmo as referências ao pai do menino amigo

(Rui) da papoila e ao seu ambiente familiar, que, aliás, adensam o cenário narrativo, encerram, também, alguns indícios denunciadores da opressão e do cinzento do período salazarista: «Morava lá muito no alto dum arranha-céus (...). Mas as janelas estavam sempre fechadas, os resposteiros corridos, as luzes mal se acendiam, ninguém ousava falar, sorrir, correr pela casa. E isto porque o pai do Rui tinha uma estranha doença – nunca deixava de estar mal-humorado e triste. Todos os dias vinham novos médicos para o ver mas nenhuma atinava com o seu mal.» (*idem, ibidem*: 25). A este conjunto de sugestões críticas implícitas junta-se, de igual modo, a seguinte referência: «- Papoilas no jardim? Que descuido imperdoável: papoilas selvagens a desfearem a cidade! Merecia uma boa descompostura esse jardineiro descuidado.» (*idem, ibidem*: 25).

*O design* inovador do volume em análise, apresentado em capa dura, é sustentado não apenas pela vertente ilustrativa, que surpreendentemente (atendendo à época da edição) se estende às guardas do volume, mas também pela globalidade da composição gráfica, materializada, por exemplo, num recorte circular logo na página inicial, bem como na página dupla desdobrável que possui apenas ilustração e na qual surge representado um cenário/quadro urbano/citadino (muito provavelmente da cidade de Lisboa). As ilustrações da autoria de Zé Manel, pseudónimo de José Manuel Domingues Alves Mendes (Lisboa, 1944), num estilo figurativo que, por vezes, parecem acentuar intencionalmente (quase em jeito caricatural) certos traços das personagens, por exemplo, primam pela sobriedade e pela discrição cromáticas, sem deixarem de determinar contrastes, quando tal é exigido do ponto de vista semântico e por forma a adequar-se ao sentido do

texto verbal, dão conta dos elementos centrais da narrativa e possibilitam uma leitura visual muito estimulante.

Algumas breves considerações, ainda, acerca do volume *A História da Papoila*, reeditado em 2010, pela Soregra. Em relação a este, centramo-nos apenas em dois elementos paratextuais por se tratarem de duas importantes notas de novidade relativamente à edição de 1972. Em primeiro lugar, assinala-se a inclusão da seguinte nota prévia, muito provavelmente da responsabilidade da editora: «Este foi o primeiro livro para crianças, de Luísa Ducla Soares, editado por José Saramago.» A vontade de assinalar e trazer à luz do dia o primeiro livro de tão conceituada autora, associada a uma provável intenção de legitimar, assegurar e garantir a qualidade literária deste texto, publicado pela mão de alguém que viria a ser Prémio Nobel da Literatura, parecem consubstanciar as motivações e as implicações semânticas/comunicativas/intencionalidade pragmática desta declaração. Acrescente-se, ainda, a presença na contracapa do seguinte texto mais ou menos longo e assinado por António Torrado:

«Diz quem sabe que folhear as páginas de um livro acabado de sair da tipografia, ainda a cheirar a tintas e a papel novo, é uma sensação muito agradável. Se, para mais, for um livro de que somos autores, o prazer é dobrado. E, finalmente, se for o primeiro livro de uma esperançosa carreira, então temos festa com foguetes e música, mas que só o próprio autor ouve, por dentro da cabeça.

É o caso deste livro da minha querida amiga Luísa, publicado pela primeira vez em 1972, iniciando-se assim uma fecunda obra que ainda tem muito para nos deliciar e surpreender.

Por sinal que o livro foi logo premiado, mas o Prémio era amargoso e a autora recusou-o. Atribuído por uma agência

do Estado autoritário e injusto, que governou Portugal até ao 25 de abril de 1974, o Prémio não era flor que se cheirasse.

E como podia sê-lo, se, donde vinha, do SNI (Secretariado Nacional da Informação) vinham também as ordens que proibiam livros e censuravam jornais?

Mas tudo isto faz parte de um passado morto e enterrado, para alívio nosso. O melhor prémio que, agora, o livro pode desejar é o de ser lido e relido por sucessivas gerações de jovens que já estão longe de saber o que era a Censura, o SNI e outros feios gigantones de antigamente.» (2010).

Simultaneamente afetivas e esclarecedoras, as palavras de António Torrado dão a conhecer – em especial, a potenciais recetores menos conhecedores da História deste livro e da própria História do livro em Portugal, durante o Estado Novo – o contexto de publicação da primeira edição de *A História da Papoila*. A memória, essa importante memória da literatura, dos livros, dos autores, etc. ganha, assim, forma/voz/lugar neste texto da contracapa da nova edição deste livro de LDS.

Para concluir, como vimos, *A História da Papoila* representa o primeiro passo de LDS no domínio da escrita preferencialmente vocacionada para leitores mais novos. A este facto importa acrescentar que a extensão, a modernidade na seleção temática, a diversidade modal e genológica, a vivacidade discursiva, o estilo «sereno e decidido» (Rocha, 2001: 104), o *nonsense* e o humor, entre muitos outros aspetos, traços que foram enfatizados e problematizados nas intervenções do simpósio de homenagem que deu origem ao presente volume, fazem da obra de LDS, quarenta anos depois, uma das mais amadas por pequenos e grandes leitores.

## Referências bibliográficas

AA.VV. (2001). CRILIJ – *Boletim do Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e a Juventude*, Nº 1, novembro de 2001 (monográfico sobre Luísa Ducla Soares).

BASTOS, Glória (1997). «Luísa Ducla Soares: a escrita/leitura como jogo» in *RILP - Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Nº 17, julho de 1997, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 80-85.

FLORÊNCIO, Violante (2001). «O Elogio da Diferença na obra de Luísa Ducla Soares» in *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, abril de 2001, pp. 3-8.

FLORÊNCIO, Violante (2005). «A Poesia para Crianças de Luísa Ducla Soares: fazer de gente divertida gente crescida» in *No Branco do Sul as Cores dos Livros. Atas dos Encontros sobre Literatura para Crianças e Jovens (Beja, 2001 e 2002)*. Lisboa: Caminho, pp. 187-203.

GOMES, José António, RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis (2006). «Os Ovos Misteriosos, de Luísa Ducla Soares» in ROIG RECHOU, Blanca-Ana, SOTO LÓPEZ, Isabel e LUCAS DOMÍNGUEZ, Pedro (coord.). *Multiculturalismo e Identidades Permeáveis na Literatura Infantil e Juvenil*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp. 109-119.

ROCHA, Natércia (2001). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal (Nova edição atualizada até ao ano 2000)*. Lisboa: Caminho.

SOARES, Luísa Ducla (1972). *A História da Papoila*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor (ilustrações de Zé Manel).

SOARES, Luísa Ducla (2010). *A História da Papoila*. Queluz de Baixo: Soregra Editores (ilustrações de Sandra Abafa).

VILA MAIOR, Isabel (2005). «A obra narrativa de Luísa Ducla Soares» in *No Branco do Sul as Cores dos Livros. Atas dos Encontros sobre Literatura para Crianças e Jovens (Beja, 2001 e 2002)*. Lisboa: Caminho, pp. 205-220.